

K É R A M I C A

revista da indústria cerâmica portuguesa

POLÍTICAS EUROPEIAS AÇÕES PRESIDÊNCIA PORTUGUESA



n.º 369

Edição Março/Abril - 2021
Publicação Bimestral
€8.00

APICER

associação portuguesa das indústrias
de cerâmica e cristalaria

CENTENÁRIO DA VALADARES

por **Eng. Henrique Barros**,
Administrador/Diretor Geral da ARCH



A 25 de Abril do ano 1921, seis homens do Norte de Portugal constituíram-se em comandita para fundarem a sociedade fabril por quotas sob a denominação “Fábrica Cerâmica de Valadares, limitada” com um capital de 140.000\$00. O objeto social é o da produção e comercialização de tudo o que à cerâmica diz respeito

Assim se iniciava um trajeto industrial de mais uma empresa na mais fascinante indústria criada pelo homem, que trabalha e molda a terra para obtenção de artefactos que mudaram o mundo. Em 1921 poucos imaginariam que este primeiro passo iniciaria uma viagem de 100 anos para a Valadares, atravessando guerras, crises económicas, ameaças de encerramento e mudanças profundas da sua realidade interna.

O início da atividade privilegiou a produção de artigos de barro vermelho como tijolos maciços, abobadilhas, materiais para chaminés, telhas de diferentes tipos. Um pouco mais tarde, ainda na década de 20, iniciou a produção de materiais em grés, como tubos, curvas, cruzetas, funis e até vasilhame.

Quando já no final da década de 20 iniciou o fabrico de louça decorativa em faiança, a Valadares começou a afirmar a sua identidade, mesmo quando seguia a tendência do fortíssimo polo cerâmico de Gaia, onde várias empresas cerâmicas tinham reputação na arte e na qualidade dos seus produtos, como a Fábrica das Devesas ou a Fábrica do Carvalhinho.

Poucos meses após a fundação da unidade fabril, foi enviado um requerimento à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia para a concessão de licença para construção de uma linha férrea interna, que atravessaria parte do interior da fábrica e que serviria como ligação aos caminhos-de-ferro da Estação de Valadares. Na época as



indústrias aproveitavam a proximidade com o caminho-de-ferro como uma oportunidade de escoamento do seu produto mais rápido, como é exemplo a Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas.

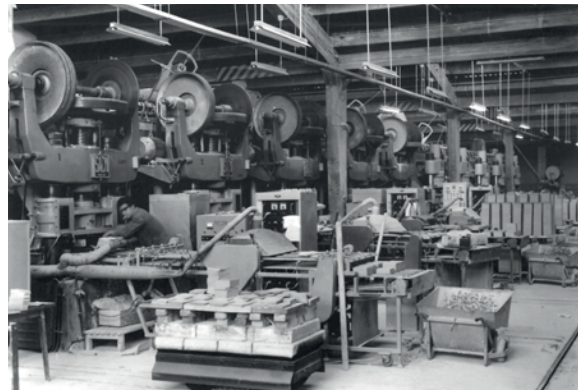
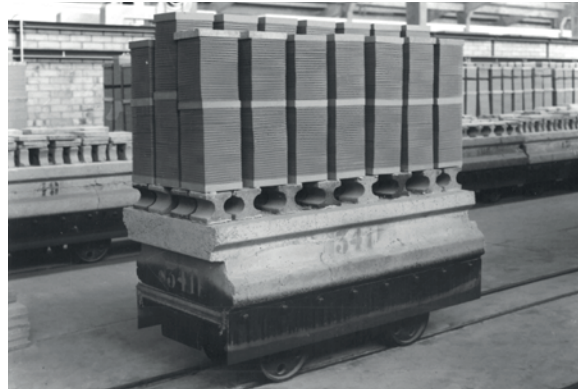
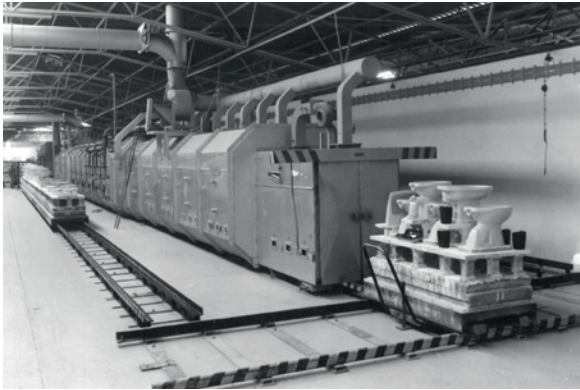
No final da década de 30 a Cerâmica de Valadares já tinha perto de 200 colaboradores, 30 dos quais mulheres.

Na década de 40 já produzia materiais refratários e no final dessa década iniciou a produção de louça Sanitária (1947), assim como azulejo, artes onde iria crescer muito e demonstrar novas capacidades. Nessa altura o seu parque industrial tinha crescido para norte e para poente, acrescentando novos edifícios industriais e armazéns.

Em 1955 uma parceria com a Cerâmica italiana Pozzi Genori, iria permitir que a Valadares fosse a primeira empresa em Portugal na produção de porcelana Sanitária, num avanço que se revelaria decisivo para o seu futuro.

Em 1956 era edificada a fábrica de azulejo, no edifício contíguo ao primeiro edifício fabril situado a Sul. O Azulejo viria a revelar-se um produto marcante, quer na versão branca que equipou numerosos edifícios públicos, quer no azulejo decorado, onde a Valadares competia com as melhores empresas no mercado e onde voltou a revelar a sua vocação criativa e inovadora.

A 17 de Julho de 1959 a Fábrica de Cerâmica de Valadares inicia a sua extensão de território com o requerimento feito à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Esse pedido de construção diz respeito ao projeto de ampliação das suas instalações fabris, pretendendo levar a efeito a construção de uma nova unidade, a “Fábrica



do Sanitário”. Nascia assim a “*Fábrica 1*”. Nesta época a Valadares teria já cerca de 600 trabalhadores.

Em 1965 o crescimento da Valadares era gradual e esta deparava-se com a necessidade de se expandir, por forma a aumentar a sua linha de produção e responder aos desafios do mercado. Para tal, terá iniciado a ampliação das suas fronteiras, comprando os terrenos em redor das suas instalações fabris. Desta expansão nascia a “*Fábrica 2*” nos terrenos a nascente do polígono industrial que começava a tomar forma com o crescimento continuado da atividade, assente na louça Sanitária e no Azulejo, que tomaram o lugar da louça de faiança produzida até meados da década de 40. Do mesmo modo os materiais refratários ou de grés tinha terminado o seu ciclo na atividade da empresa no início da década de 40. A Valadares tinha mudado muito nos primeiros 40 anos de vida.

Ainda na década de 60 assistiu-se ao crescimento da Valadares para Nascente, numa nova unidade de Mosaico (ou Pastilha) que completava o ciclo de crescimento registado na década. Nesta altura a Cerâmica de Valadares

tinha mais de 1000 colaboradores e tinha 4 unidades industriais a laborar no mesmo espaço.

Na sua expansão pelo ramo dos sanitários a empresa veio a construir, em 1978, um novo edifício situado no extremo nascente dos terrenos, sobranceiro à Rua da Cerâmica de Valadares que comportou, através de um projeto desenvolvido por uma empresa francesa, uma instalação integrada destinada ao fabrico exclusivo de sanitários. Nascera a “*Fábrica 3*”.

Na década de 70 é ainda inaugurada uma unidade para produção de cimento cola, que se manteve em atividade até ao início dos anos 90.

Na década de 80 assiste-se ao declínio do mercado de revestimentos e a empresa passa por algumas dificuldades, A partir de 1989 a Valadares enceta uma reestruturação industrial, com a descontinuação da produção de azulejo e de mosaico e concentração da atividade da Valadares na produção de louça Sanitária em 3 unidades fabris, sendo a maior empresa do setor em Portugal. Em 1992 a Valadares é vendida a um grupo internacional, mas em 1998 volta a

Associativismo

mãos Portuguesas. Por essa altura a Valadares reforçava a sua vocação exportadora, iniciada nos anos 50, primeiro na Europa e depois em outros continentes, alargando a sua presença a mais de 60 países.

Segue-se uma época de altos e baixos em que se assiste a um crescimento inédito para a Valadares em investimentos em I&D e a mudanças significativas de gamas de produtos e ambição comercial em mercados nunca pisados, como o médio oriente. A evolução técnica e de imagem da Valadares, na linha da frente da inovação cerâmica, não foi acompanhada pela saúde financeira do grupo em que estava inserida e em 2012 acaba por declarar insolvência.

Segue-se uma sequência de factos invulgares e reveladores da força da Valadares, assentes na determinação de um gestor de insolvência determinado em não deixar morrer uma marca a que não conseguiu ficar indiferente, ex-quadros da Valadares que demonstram total empenhamento em viabilizar um novo projeto, angariação em tempo record de grupo de investidores privados que fazem uma aposta arriscada em plena crise financeira e um acordo inédito com credores para alugar instalações de uma massa falida. Assim nasce a ARCH SA e o seu projeto para reavivar a Valadares e que em 2019 adquire o polígono industrial.

Os Colaboradores e a Cultura Cerâmica

“A Cerâmica de Valadares que, durante muitos anos, na década de sessenta e seguintes, do século passado, acordava muitas das pessoas para o trabalho diário, com a sua sirene estridente, empurrada pelo vento, percorrendo alguns quilómetros para chegar às freguesias circunvizinhas.” - Boletim Amigos de Gaia



O crescimento da Cerâmica de Valadares foi sempre acompanhado de grande consciência social. Os colaboradores tinham regalias que não eram muito frequentes e os espaços sociais como dormitório para os colaboradores de regiões afastadas, refeitório com cozinha, posto médico ou até o apoio à educação dos filhos, foram bons exemplos da forma com a Valadares cuidava dos seus, alicerçando a ligação dos colaboradores à empresa que muitos consideravam ser a sua casa. E muitos cresceram como homens e mulheres com os exemplos e valores que aprendiam na Valadares.

A cultura da empresa sempre se desenvolveu com o apoio da empresa aos seus colaboradores, que eram isso mesmo. São inenarráveis os episódios de dedicação e entrega de muitos operários e técnicos para que a empresa tivesse sucesso e era clara a identificação de todos com o serem Valadares. Era comum que as visitas se admirassem com a afabilidade e interesse dos visitados e pelo orgulho que manifestavam no que faziam.

A cultura cerâmica foi sempre muito forte. E existem motivos para isso. Muitos colaboradores dominavam conceitos que aprendiam com as mãos, mesmo que não soubessem ler ou escrever. Desse modo afirmavam a sua individualidade e a confiança que adquiriam garantia o respeito de colegas e superiores. Em geral era indescritível a impaciência pela peça nova que iria ser produzida e para qual vários tinham empenhado o melhor da sua experiência e muitas horas de trabalho e apesar dos insucessos, que também os havia.

A marcação individual das peças fabricadas sempre foi um meio de rastreabilidade possível, mas inegavelmente um selo de posse para o oleiro, o vidrador ou o enforrador que participavam no fabrico de cada peça. Das peças “deles”.

Em resumo, a identificação com a marca e a empresa – que no tempo da ARCH ainda se confunde – sempre foram muito grandes e pelos motivos que explico antes. Assim se pode vislumbrar o choque que representou para muitos a paragem da atividade, mas também a vontade em recomeçar tudo de novo.

Comemoramos hoje orgulhosamente uma história admirável, feita por muitos e por exemplos únicos que nos ensinaram o valor da união e da entrega. Hoje a ARCH tem a responsabilidade e o privilégio de honrar o legado de tantos, pelo que para lá de um projeto industrial e comercial, temos uma missão que é maior que cada um de nós.

